

OURO PRETO, CIDADE DE METAMORFOSE POÉTICA: O CASO DE RAIMUNDO CORREIA

*OURO PRETO, CITY OF POETIC METAMORPHOSIS:
RAIMUNDO CORREIA'S CASE*

Matheus Coelho de Toledo¹

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

<https://orcid.org/0009-0003-0845-1463>

sm90x@hotmail.com

RESUMO: O artigo se interessa em compreender como temas e o cenário de Ouro Preto foram incorporados à obra poética de Raimundo Correia, antes durante e após sua permanência na cidade mineira. No decorrer do artigo são realizadas leituras cerradas de poemas decorrentes destes momentos. São destacados nos poemas os ideais inconfidentes retomados por sua poesia no momento da Abolição e da implantação da República, as vivências e amizades de Raimundo na cidade mineira entre os anos de 1892-1897 e uma guinada do Parnasianismo ao Simbolismo no período de apogeu artístico do poeta, rapidamente sucedido pelo silêncio de sua voz poética.

PALAVRAS-CHAVE: Raimundo Correia; Ouro Preto; Poesia; Parnasianismo, Simbolismo.

ABSTRACT: This article is interested in understanding how themes and the scenario of Ouro Preto city were incorporated into the poetic work of Raimundo Correia before, during and after his stay at the city. As well, detailed readings of poems from the period are realized. In the poems are highlighted the Inconfidência Mineira ideals recovered at the Brazilian Slavery Abolition and Republic foundation periods as well as Raimundo's experiences and friendships in the city of Minas Gerais between the years from 1892-1897 and a change from Parnassianism to Symbolism at the poet's period of artistic apogee, quickly succeeded by the silence of his poetic voice.

Keywords: Raimundo Correia; Ouro Preto; Poetry; Parnassism; Symbolism.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria e Crítica Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Bolsista CAPES

INTRODUÇÃO

Raimundo Correia (Maranhão 1959 - Paris 1911), um dos principais nomes da poesia brasileira e conhecido por integrar o momento parnasiano de nossa literatura, esteve na cidade de Ouro Preto durante a década final do século XIX. Vamos, no presente artigo, procurar entender como a sua estadia e vivências na cidade mineira transformaram a sua criação poética e a sua trajetória pessoal. Serão considerados três momentos: o anterior à estadia em Ouro Preto, o momento da chegada e estadia em 1892 e a sua saída da cidade em 1897. Após esse período o poeta encerrará sua carreira poética por um caminho peculiar.

1. ANTES DA CHEGADA: CONFLUÊNCIAS ENTRE RAIMUNDO CORREIA, O PARNASIANISMO E OURO PRETO

A reverberação dos ideais da Inconfidência e da poesia árcade mineira enfrentaram no século XIX uma queda e um apogeu tardio. A queda, deflagrada pelo ostracismo político dos integrantes da Inconfidência ainda no século XVIII, perpetuou-se com a punição de uns à morte e outros ao degredo. A consolidação da presença colonial no Brasil com a chegada da família real portuguesa em 1808 e o conciliador processo de Independência de 1822, em certo sentido obliteraram as demandas e os anseios de um protagonismo brasileiro afastado dos laços coloniais. Isso não impediu a voga de poemas como os de Claudio Manuel da Costa e os de Tomás Antônio Gonzaga.

Segundo Alexei Bueno, *Marília de Dirceu*, de autoria de Gonzaga, foi um dos mais contundentes sucessos literários da língua portuguesa: “A lenda do poeta superou a realidade concreta da vida do homem. *Marília de Dirceu* foi o livro de poesia mais lido e reeditado na língua portuguesa no século XIX” (BUENO, 2007, p. 42).

A citação revela o ostracismo momentâneo do homem, mas a perenidade de suas ideias. Similar processo ocorreria com a figura histórica do Tiradentes, Joaquim José Da Silva Xavier; martirizado e gradativamente mais lembrado e celebrado na posteridade. Mais tardiamente no século XIX, o desejo brasileiro de se desvencilhar do passado colonial, desejo esse não unânime, mas já existente desde o momento Árcade/Inconfidente, ganhará nova força com os anseios da Abolição (1888) e especialmente da Proclamação República (1889).

Raimundo Correia, poeta célebre por integrar a tríade parnasiana junto de Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, foi uma dentre as vozes posteriores do final do século XIX que buscaram reavivar esse legado Árcade/Inconfidente; é o que podemos verificar já em seu segundo livro, *Sinfonias*, de 1883:

IV / Marília

Ó Marília! Ó Dirceu! Eram dois ninhos
Os vossos corações, ninhos de flores;
Mas, entre os quais, sentíeis os rigores
Lacerantes de incógnitos espinhos;

Tremiam, como em flácidos arminhos,
Promiscuamente, neles os amores,
As saudades, os cânticos as dores,
Como uma multidão de passarinhos...

O sulco profundíssimo que traça,
Nos corações amantes a desgraça,
Ambos nos corações traçados vistes,

Quando os vossos olhares, no momento,
Cruzaram-se, do negro afastamento,
Marejados de lágrimas e tristes...

(CORREIA, 1961, p. 147)

O soneto em decassílabos, terminados em rimas graves (paroxítonas), escrito por Raimundo ainda jovem, integra um conjunto de oito sonetos dedicados a Machado de Assis, em homenagem e retribuição à gentileza que este lhe proporcionou ao prefaciar *Sinfônias*. O poema integra a primeira parte do livro, que encerra um conjunto de poemas de teor lírico.

A proposta do conjunto de poemas que o soneto “Marília” integra, “Perfis Românticos”, é representar grandes personalidades mitológicas, ficcionais e históricas que adquiriram reverberações e relevância no decorrer dos tempos. Raimundo Correia privilegia em seus sonetos as histórias apresentadas pela tradição. Em “Marília” realça a tristeza do casal Marília e Dirceu, ficção poética de Tomás Antônio Gonzaga na qual ele e Maria Doroteia Seixas são transpostos em seres poéticos.

O casal não pôde mais se encontrar após a condenação ao exílio de Tomás Antônio Gonzaga. Raimundo Correia, quase um século depois, poetiza a tristeza da separação dos amantes. Os corações são representados como frágeis, como ninhos de flores, nos quais os sentimentos tremem como passarinhos. Essa imagem, se não referencia diretamente, não deixa de dialogar com a “Lira XXXVII” da parte II de *Marília de Dirceu*, vulgarmente conhecida pelo nome de “Lira do Passarinho”. Dela reproduzimos três estrofes:

Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento,
[...]

Toma de Minas a estrada,
Na Igreja Nova que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Vila Rica.
[...]

Chega então ao seu ouvido,
Dize que sou quem te mando,
Que vivo nesta masmorra,
Mas sem alívio penando.
(GONZAGA, 2001, p. 196)

O pássaro, tanto no poema de Raimundo Correia quanto no poema de Gonzaga, parece simbolizar metaforicamente um veículo do sentimento ou o próprio sentimento. A natureza aparece como aliada do homem. Essa “Lira” pertence à segunda parte de *Marília de Dirceu*; portanto, foi escrita no cárcere carioca. A ave de pequeno porte teria de realizar esforço considerável de voo e localização (“Sempre firme a Vila Rica”), guiada apenas pelas indicações do apaixonado.

No soneto de Raimundo, a multiplicidade dos sentimentos é comparada aos frágeis filhotes de aves que “tremiam”. Em ambos os poemas, o final é melancólico, apesar de belo do ponto de vista estético.

Outro poema dessa fase de Raimundo Correia que evoca o imaginário ouro-pretano é “A Cabeça de Tiradentes”, também presente em *Sinfônias*, agora na segunda parte do livro, que encerra poemas líricos de índole social, política e revolucionária:

A Cabeça de Tiradentes

A Joaquim Serra

Da ideia que engendrou pendia a sorte
Da pátria, a sorte a que ela, ávida anseia;
Mas o músculo férreo, o punho forte
Comprime-lhe do déspota a cadeia.

Sela-lhe a morte os lábios e os roxeia,
E anuvia-lhe o largo e altivo porte –
Morre esmagado pela grande ideia!
Morre – e morrendo isenta-se da morte!

Do moribundo a mártir e divina
Cabeça fulge sobre o poste imundo,
Onde grasnam aves de rapina;

Da luz sangrenta que, a morrer, derrama
Em torno, o sol – esse outro moribundo –
Tece-lhe um largo resplendor de chama...
(CORREIA, 1961, p. 167-168)

O ideário que Raimundo Correia quer privilegiar neste soneto em decassílabos é o republicanismo. Aqui se alternam rimas graves e agudas (paroxítonas e oxítonas) nos quartetos e mantém-se rimas graves nos tercetos. Mais do que à Independência, a figura de Tiradentes tem sido associada ao republicanismo no aspecto que este guarda de antimonárquico. Tiradentes é representado como um dos heróis da pátria republicana, sem perder de vista o aspecto anticolonial ao qual também tem sido associado. Sua cabeça, cercada pelas aves de rapina (traidores, colonizadores e nobreza portuguesas), ganha um contorno elevado e engrandecedor da paisagem, o que parece indicar uma manifestação metafísica.

A associação de tantos ideais por vezes é imprópria: pois se houve incondentes interessados na extinção das relações coloniais e monárquicas referentes a Portugal, também houve outros, interessados em ideias monarquistas e escravagistas.

Quando da Abolição da Escravatura em 1888, portanto no período de plena vigência do Parnasianismo, auge do movimento Abolicionista e do movimento Republicano, a figura de Tiradentes foi recuperada e associada a esses movimentos.

O Parnasianismo vem sendo representado por parte da crítica literária nacional como um movimento literário alienado e conservador, ou mesmo reacionário (equivoco que persiste ainda nos dias de hoje), mas seguiu de fato na direção política progressista, apesar de limitações e incoerências contingenciais.

Basta a leitura de poemas de Raimundo Correia homenageando Luís Gama (“Luís Gama”) e vituperando a Igreja e a Monarquia (“Os dois espectros”) ambos de *Sinfonias*, assim como a leitura das inúmeras crônicas progressistas de Bilac e a dedicatória de *Tarde*, seu último livro de versos, ao amigo íntimo José do Patrocínio, para constatar que o ideário Abolicionista e Republicano foi acolhido e propagandeado pelos poetas. A “providencial” ignorância da crítica acerca da última produção lírica de Machado de Assis e a minorização de sua relevância como poeta e o seu desligamento do Parnasianismo também ofuscam o cenário.

A associação entre a figura de Tiradentes e o ideal republicano e abolicionista não era exclusividade dos parnasianos, também pode ser encontrada em “Os Dois Heróis”, poema de Oliveira e Silva, reunido no livro *Maio de 1888: Poesias distribuídas ao povo, no Rio de Janeiro, em comemoração à Lei de 13 de Maio de 1888*:

Os Dois Heróis

Dos tempos através dois vultos altaneiros,
Imensos, colossais, nos fastos brasileiros,

Irmãos na mesma ideia, apóstolos iguais,
Pilotos do porvir, domando os temporais,

Completam-se hoje quando o povo é outro e a vida
De súbito surgiu na pátria entorpecida.

Lutaram muito e a luta a um deles esmagou
E o sangue do martírio a pátria maculou!

É desse sangue augusto, herança do passado
Com a lágrima do escravo aos poucos fecundando,

Que veio esse outro herói, ardente a pelejar
Batendo a escravidão dos pósteros de Agar.

De um lado a infâmia, o horror, as sombras da epopeia!
E do outro a pátria e o bem, o poema de uma ideia!

Sem tréguas o combate! o herói venceu então!
Usando uma arma só, o imenso coração!

E assim da liberdade o santo tirocínio
A Tiradentes fez igual a Patrocínio!

(SILVA, 1999, p. 129.)

Poucas informações restam sobre Oliveira e Silva; a coletânea da qual o poema faz parte não consegue rastrear seu(s) prenome(s) e informa que teria sido um jornalista que teria sido citado duas vezes por Brito Broca em *A Vida Literária no Brasil 1900*.

Tiradentes é representado pela voz poética de modo grandioso ao lado de Patrocínio, como

vulto altaneiro, imenso e colossal, como piloto do porvir, espécie de visionário ou revolucionário. O martírio, também presente no poema de Raimundo Correia, é aqui apresentado de modo breve, mas veemente, e considerado vergonhoso. O sangue derramado torna-se, misturado às lágrimas dos escravizados, a matéria que proporcionou o surgimento do herói José do Patrocínio. Patrocínio vence a disputa contra a infâmia e o horror, igualando-se ao mártir inconfidente, também celebrado pela posteridade. Antes, no soneto de Correia, a paisagem que tece a aura de um largo resplendor de chama deixava implícito que Tiradentes é mártir e herói.

Esse teor heroico, no caso de Oliveira e Silva, é reforçado pela própria forma poética: nove estrofes em dísticos, compostas de versos alexandrinos; o que dá um andamento exclamativo e conduz a fala de um eventual declamador a se portar de modo firme e constante, até elevar-se ao final. Dos últimos seis versos, cinco recebem ponto de exclamação.

A representação de Joaquim José da Silva Xavier como um pioneiro republicano é pertinente, no entanto, quanto ao abolicionismo, exige-se maior cautela e consciência crítica, aspectos que o poema de Oliveira e Silva não incorporam. Havia interesses abolicionistas entre os inconfidentes, mas, temerosos de uma sublevação igualmente poderosa dos escravizados ao seguir o exemplo dos próprios conjurados contra a coroa portuguesa, consideraram perigosa a difusão do ideário abolicionista. É o que nos informa Lucas Figueiredo em *O Tiradentes - Uma Biografia de José da Silva Xavier*:

Na reunião do Natal, coube ao dr. José Álvares Maciel tocar no delicado assunto: como a revolução trataria a questão da escravatura? [...] Ecoando um medo ancestral da elite mineira, ele levantou uma hipótese assustadora: no momento inicial do levante, quando Tiradentes estaria armando o tumulto no centro de Vila Rica, o motim poderia sair do controle dos conjurados e se espalhar pelas senzalas. Os escravos, alertou o doutor, poderiam aproveitar a balbúrdia para fazer seu próprio motim, matando os brancos de ambos os lados. [...] A conversa travou nesse ponto; [...]. A discussão do tema incomodou tanto que nenhum outro conjurado se atreveu a entrar no debate. [...] Calou-se Joaquim José da Silva Xavier [...]. No que dizia respeito à escravidão, Tiradentes e seus companheiros emularam os revolucionários norte-americanos, que tinham cantado a liberdade e a igualdade, mas que também, por questões financeiras, evitaram esvaziar as senzalas. (FIGUEIREDO, 2018, p. 213-215)

Tiradentes provavelmente compreendia a situação dos escravizados com maior humanidade por ter incorporado uma série de ideais iluministas e republicanos aos seus. No entanto, não foram suficientes para apontar uma direção de radicalidade ainda maior nos planos de ação política. Tais ideais foram impedidos por contingências históricas, apego aos privilégios e também pelo temor por sua segurança e pelos rumos incertos da revolta.

Essa dimensão limitada, com o processo de canonização de sua figura, tende a ser minimizada no decorrer da história brasileira, mas deve ser realçada para compreensão de limitações individuais assim como das limitações históricas do Brasil, que geram uma herança nefasta e insuperada.

Pouco depois da escrita e divulgação do poema de Raimundo Correia e do poema de Oliveira e Silva, o ideal republicano encontrará realização no Brasil, em 15 de novembro de 1889, com outras limitações significativas.

Alguns anos adiante, Raimundo Correia veio residir naquele cenário em que se manifestaram os ideais republicanos e a limitada discussão abolicionista, mas agora em um período em que eram conquistas em consolidação, por isso pouco retomados pelo poeta. Vejamos como Raimundo adentrou em Ouro Preto e como a cidade permeou sua vida e a produção literária.

2. ASSOMBROS MÍSTICOS: CHEGADA E ESTADIA DE RAIMUNDO CORREIA

Raimundo Correia, também magistrado, embaixador e professor, esteve em Ouro Preto no ano de 1892, no auge de sua carreira literária. Naquela altura já havia publicado *Primeiros Sonhos*, *Sinfonias*, *Versos e Versões* e *Aleluias*, livros que bastaram para torná-lo figura significativa para a crítica literária nacional e sucesso em terras lusitanas. Segundo Waldir Ribeiro do Val (1980), Correia foi a Ouro Preto para exercer cargo de secretário de finanças do estado e também lecionou na Faculdade de Direito de Ouro Preto. Val aponta que a data da chegada teria sido:

No dia 25 de março de 1892 Raimundo chegava a Ouro Preto. Como estava sozinho (sua família viajaria pouco depois, com seu sogro), instalou-se na casa de Augusto de Lima, após passar a primeira noite no Hotel Martinelli. (VAL, 1980, p. 128)

Um poema de circunstância sobre a ocasião foi incluído no álbum de Augusto de Lima e evidencia as preocupações místicas de Raimundo, observador das circunstâncias numéricas e temporais de sua chegada, tidas por mau agouro. Tais versos podem ser encontrados na biografia escrita por Sequeira, *Raimundo Correia - Sua Vida e Sua Obra*, na escrita por Val, *Vida e Obra de Raimundo Correia* e também na *Poesia Completa e Prosa* de Raimundo Correia. Entre as edições há variantes, preferimos reproduzir a estabelecida na *Poesia Completa e Prosa*:

Num álbum de Augusto de Lima

Cheguei a esta cidade em sexta feira,
25 de março, e o Martinell'
Deu-me o quarto (que horror!) número 13
Do seu hotel.

Número 13 e sexta feira.... Resta
Saber agora
Se eu, malgrado tal número e tal data,
Serei ou não aqui... menos caipora...
(CORREIA, 1961, p. 398)

Não bastando a Raimundo acreditar em superstições costumeiras, uma nova visão contribuirá para indispor o poeta recém-chegado. Ele viu, da casa de Augusto de Lima, um cortejo fúnebre que lhe trouxe impressões fortes, especialmente se consideramos que era um tempo em que Ouro Preto não possuía luz elétrica. Ribeiro do Val nos traz informações mais detalhadas:

O casarão de Augusto de Lima ficava na extremidade da ponte do Rosário, na Rua das Cabeças, na mesma rua onde logo depois o poeta alugaria casa. Da janela da sala de visitas, o espetáculo que aparecia aos olhos do poeta, nessa primeira noite em casa do amigo, era o de uma procissão [...] rumando à Igreja de São Francisco de Paula. Era impressionante a cena, os acompanhantes com velas muito grossas, cuja chama poderia resistir a qualquer vento. Augusto de Lima explicou a Raimundo que se tratava de um enterro, as pessoas influentes eram sepultadas à noite, nos cemitérios das igrejas. – Que horror! – exclama o poeta, voltando-se para dentro da sala fechando a janela. Ao que replica Augusto de Lima: – Ora, Raimundo, a morte é tão bela, não achas? E Raimundo, nervoso, querendo aparentar calma: – Viro-lhe as costas. Deus me livre ter a morte pela frente!... (VAL, 1980, p. 128-129)

Augusto de Lima possuía uma postura diferente em relação à morte, não apenas por estar habituado à convivência particular que a cidade mineira possuía com ela, mas por outro aspecto, mais ligado à sua postura estética diversificada. Começou como poeta parnasiano e anticlerical, mas passou a se dedicar a uma poesia mística. Um de seus livros mais conhecidos foi *Contemporâneas*, de teor social e anticlerical.

Acostumado à compreensão da precariedade da vida humana proporcionada pelas vivências e costumes do cenário urbano em que vivia, Augusto de Lima sabia mesmo apreciar, não sem perder o traço de chiste e ironia, as belezas dos momentos fúnebres. Essa percepção, se para muitos nos dias atuais pareceria estranha e macabra, permanece para outros atual, e pode ser uma forma de lidar com o luto. Correia, por mais ciente da morte que se mostrasse em seus versos, era um poeta voltado à vida, à luz, ao colorido e à mulher, o que de certa forma se resume em um adjetivo desde que visto sem teor pejorativo: Raimundo Correia produzia uma poesia sensual.

Sensível e cercado por um novo cenário que o confrontava do ponto de vista estético e também espiritual, Correia mostrará ser um indivíduo ainda mais carregado de preocupações do que a sua poesia pregressa apresentava.

Pela biografia de Ribeiro do Val, verificamos que as preocupações e os assombros de Raimundo não se extinguiram. Mais tarde naquela noite:

Todos já se haviam recolhido quando o poeta chama por Augusto de Lima. Pede-lhe uma moringa um pouco maior, pois podia sentir muita sede durante a noite. Mais tarde torna a chamar, para pedir outra vela, para ficar de reserva... Augusto de Lima ia atendendo ao antigo colega já bastante seu conhecido, e notava que este estava inquieto, talvez ainda impressionado com o espetáculo do enterro noturno. No dia seguinte, pela manhã, as velas totalmente consumidas, Raimundo explicou não ter podido dormir, um vulto lhe invadira o quarto, e à luz da vela as figuras fantásticas de sombra, pelas paredes, lhe davam arrepios, os curtos sons eram acompanhados de terríveis pesadelos... Raimundo Correia não se daria

bem em Ouro Preto. O clima úmido e frio atuaria nele fortemente, aumentando-lhe a neurastenia, o nervosismo, a incapacidade de produzir. (VAL, 1980, p. 129)

A estranha história permanece não desvendada, o vulto não foi descrito pelo poeta. Seria uma visão espiritual, um grande inseto, um morcego? Não há respostas nas biografias de Sequeira ou de Val. Independentemente disso, a sua entrada na cidade de Ouro Preto foi marcada negativamente. O poeta não mais deixaria esse pessimismo.

A carreira na Secretaria de Finanças e na faculdade de Direito tomavam grande parte de seu tempo imerso na burocracia e isso acarretou um silêncio literário significativo:

Raimundo não sentia ânimo para escrever mais versos. As seis horas de trabalho diário na Secretaria de Finanças, sem descanso e sem férias, as aulas da Faculdade, os estudos de Direito, tudo isso servia para tirar-lhe a inspiração. Tinha agora, de dedicar-se à prosa jurídica, em detrimento da poesia. (VAL, 1980, p. 129)

Até mesmo um acontecimento que poderia reanimar a sua moradia em Ouro Preto, predispondo-o a um melhor humor e uma sociabilidade mais participativa, ali, entre as vielas, não foi retomada de modo satisfatório: “Em 1893, acontecimentos políticos fazem Olavo Bilac exilar-se em Minas. Vai para Ouro Preto [...]. Afonso Arinos o acolhe carinhosamente. [...] E ali vivem Raimundo Correia e Augusto de Lima.” (VAL, 1980, p. 131). No subterrâneo, a relação entre Raimundo Correia e Olavo Bilac, segundo testemunho de Alberto de Oliveira, o outro integrante da tríade parnasiana, já se mostrava abalada e piorou em Ouro Preto:

Segundo Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac travaram em Ouro Preto “um duelo de sonetos irônicos e ferinos”, tornando menos sólida a amizade entre ambos, amizade que estivera em perigo por ocasião de uma visita de Bilac a Vassouras, e que iria reatar-se firmemente mais tarde, dez anos depois... [...] Não consegui ver esse “duelo de sonetos”, talvez travado pelas colunas da Opinião Mineira, [...]. (VAL, 1980, p. 133)

Como nos informa o próprio Val, a informação de Alberto de Oliveira não é constatável, mesmo nos dias atuais não encontramos estes sonetos. No entanto, pesa a favor de Alberto de Oliveira o consenso de que de fato Raimundo Correia e Bilac reatariam relações amigáveis anos depois.

O motivo do afastamento pode ser a proximidade entre Olavo Bilac e Luís Murat, poeta que escreveu um artigo difamando Raimundo Correia. Essa proximidade se deu por fatores políticos e profissionais, e certamente prejudicou o apreço que Raimundo, ofendido, sentia por Bilac. Além disso, o estrondoso sucesso da primeira edição das *Poesias* colocava Bilac como nome maior de nosso Parnasianismo, superando Correia. Essa superação, assim como os rumos nem sempre consensuais do movimento, podem ter interferido.

Apesar disso, a estadia de Bilac em Ouro Preto foi importante para afastá-lo de Luís Murat. A posterior reconciliação entre Raimundo Correia e Olavo Bilac, arquitetada por Alberto de Oliveira, foi crucial para reunir a figura dos três e consolidar a tríade parnasiana. Sem o momento ouro-pre-

tano, talvez a história fosse outra, e Luís Murat ocupasse o lugar de Raimundo Correia.

Voltando às vivências de Raimundo Correia em Ouro Preto, leremos duas produções de suas escritas por lá no ano de 1893. São versos de circunstância, que dão pistas sobre seu momento ouro-pretano, especialmente sobre o estado de espírito do poeta. A importância reside essencialmente na raridade dessas produções. É o que nos informa Ribeiro do Val:

A vida de Raimundo Correia em Ouro Preto não lhe permitia mais tempo para dedicar-se à literatura. [...] Fez é certo alguns versos de circunstância. Como aqueles dedicados a seu amigo Paul de Roquemaure e outros a sua filha Rose de France de Roquemaure. Paul de Roquemaure era um artista, ativo e inteligente, que se dedicava a fazer artísticos cartões e quadros, e colecionava flores, arbustos, parasitas, quadros raros. Ex-militar francês, veio para o Brasil doente do peito, elegendo Ouro Preto para seu pequeno museu e *atelier*. (VAL, 1980, p. 133)

O primeiro poema é dedicado à filha do amigo. É um poema singelo e de tom otimista, no qual o poeta evoca o orvalho tal como a água benta/batismal e a luz como benção. O céu, onde ocorre a manifestação do divino, entrega esse orvalho e dispersa ou asperge essa água/orvalho sobre a criança, representada pela rosa e também pelo anjo:

Rose de France

À Filhinha de P. de Roquemaure

No alvo Berço o anjo desperta,
No botão desperta a rosa;
Despertam ambos sorrindo
À benção da luz radiosa

Anjo e rosa – no batismo
Da alvorada, os céus dispensam
À rosa – a benção do orvalho,
E ao anjo – o orvalho da benção.

Ouro Preto, 7 de setembro de 1893.

(CORREIA, 1980, p. 399)

Assim, luz e água encontram os seres anjo e rosa, deixando a benção do orvalho e batismo. Os oito versos são em septissílabos, e divididos em quadras, o que indica que são de tom mais informal e íntimo, pois o septissílabo ou redondilha maior é um dos metros que mais se aproximam da fala cotidiana, sendo a quadra a estrofe popular por excelência. As estrofes funcionam como quadras populares se observamos as rimas, são alternados versos sem rimas e versos rimados, como a tra-

dição em língua portuguesa normalmente emprega.

De teor diverso é o poema dedicado ao pai de Rose. Foi escrito em comemoração ao aniversário do amigo, celebrado junto do dia de Natal. No entanto, Raimundo não entrega um poema de tom alegre, ameno ou popular, e sim sério e amargo. A data é reproduzida como no original. Para facilitar a análise, numeramos cada verso:

Dia de Natal

Aos anos do meu amigo Paul de Roquemaure

- 1 Nascer neste belo dia,
- 2 Amigo, bem bom seria,
- 3 Se a gente guardasse o doce
- 4 Ar, que na infância transluz,
- 5 E sempre menino fosse,
- 6 Como o menino Jesus.
- 7 Este é – Deus, e nós – humanos,
- 8 Que uma sorte má condena
- 9 A crescer e a ficar velho.
- 10 – Vida assim não vale a pena;
- 11 Confessa, que não é boa.
- 12 Por isso dou-te um conselho:
- 13 – Não nasças! Por que nascer?...
- 14 Mas já nasceste... Perdoa!
- 15 Agora é só fazer anos,
- 16 Que nada há mais que fazer.

Ouro Preto 24-12-1893

(CORREIA, 1961, p. 399)

A estrofe contém dezesseis versos, também septissílabos, logo, parece haver a mesma base de andamento em versos pares. No entanto, a organização é mais diversificada e não há versos brancos/sem rima. A rima do primeiro verso combina com a do segundo, a do terceiro com a do quinto, a do quarto verso com a do sexto, a do sétimo com a do décimo quinto, a do oitavo com a do décimo, a do nono com a do décimo segundo, a do décimo primeiro com a do décimo quarto etc.

Isso dá ao poema um certo tom de encadeamento, mas, pela aleatoriedade da distância, também de desencaixe. Ao mesmo tempo em que refinam o poema do ponto de vista da forma e do significado, as rimas obrigam o leitor a retornar aos versos anteriores para entender a ordem do que é dito e rimado. As rimas em distância funcionam como uma retomada de algo já encerrado, assim como o tema do poema evoca a perda da juventude e a velhice como definitivas. O momento ante-

rior às vezes volta pela rima, mas a mensagem agora é em tom decrescente, a volta acentua o desencanto, pois o algo que surge é proporcionado pela velhice, portanto, tende a ser visto como limitador e negativo. O que é jovem, positivo, já é passado, não existe. O poeta pede aceitação da passagem do tempo, que o interlocutor se conforme a fazer anos, pois não pôde escolher não ter nascido.

Basicamente o poema se afasta da vida e nos diz: melhor teria não nascer; mas, aprisionado após o nascer no ato de viver, melhor é conformar-se com a condição limitada de ser humano. O teor é tão negativo que nem parece haver desejo de felicitar o amigo ou confraternizar pela coincidência entre o aniversário deste e o natal. A instância espiritual não se manifesta apesar de referida. Vemos que a impressão negativa da primeira noite de Raimundo Correia em Ouro Preto ainda se manifestava.

Após uma estadia de dois anos na cidade mineira, Raimundo viaja em agosto de 1894 até a Côrte e de lá a Fortaleza. Retorna a Ouro Preto após uma nova passagem também pelo Rio de Janeiro. Sua estadia em Ouro Preto é alternada por passagens pela capital do país, como nos informa Ribeiro do Val (1980).

Em 1896, o poeta entrava no seu último ano de estadia em Ouro Preto, e o ano começa com boas notícias: Raimundo, pai de três meninas, torna-se pai de um menino, mas uma asa de corvo logo roça Raimundo novamente:

Agora, em abril de 1896, Raimundo torna-se novamente pai. [...] Após cinco meses de alegrias e preocupações, de esperanças e sustos o golpe doloroso. [...] O falecimento se dá na residência de João Batista, no forte de São João, no Rio de Janeiro, onde servia como médico militar o irmão de Raimundo. (VAL, 1980, p. 1380)

Abalado com a morte do filho, preocupado com os maus agouros que identificou desde sua chegada a Ouro Preto, impossibilitado de escrever como antes, esgotado pelo trabalho, o poeta vai se tornando cada vez mais avesso à cidade mineira e permanecerá pouco nela. Veremos a partir daqui como a cidade metamorfoseará nesse último momento a criação do parnasiano e suas consequências perenes.

3. OURO PRETO, CENÁRIO DO APOGEU DE UM ARTISTA E DE SEU SILÊNCIO CREPUSCULAR

Ribeiro do Val nos informa de mais infortúnios que atingiram Raimundo Correia na sua estadia em Ouro Preto. O poeta contraiu beribéri, moléstia associada ao clima diferenciado de determinadas regiões, que impossibilita a absorção adequada de vitaminas e gera consequências como retenção de líquidos em órgãos, cardiopatia etc.

Contudo, os momentos finais em Ouro Preto trariam uma vivência que iria se mostrar frutífera nos anos posteriores:

Tendo contraído o beribéri, Raimundo resolve deixar a capital mineira. Isso se dá nos primeiros meses de 1897. Solicita e obtém a exoneração do corpo docente da Faculdade Livre de Direito. [...] O movimento intelectual da Faculdade ia-se formando. Ali estiveram alguns poetas e prosadores que iam figurar com destaque na literatura brasileira. Basta citar um: Afonso de Guimarães, o grande Alphonsus de Guimaraens, que estudou em Ouro Preto na faculdade até setembro de 1893 [...]. Raimundo Correia deve ter acolhido paternalmente esses jovens de valor. Afonso de Guimarães era já seu conhecido, pelas publicações em jornais, desde 1888, quando ambos colaboravam no *Vassourense*. [...] Ouro Preto e a família Guimarães não seriam esquecidos. Ao escolher o patrono para sua cadeira na Academia Brasileira de Letras, Raimundo prestaria uma homenagem à antiga Vila Rica: a escolha recairia num filho de Ouro Preto, o romancista de *O Ermitão de Muquém*, Bernardo Guimarães. (VAL, 1980, p. 139)

Raimundo Correia já era poeta estabelecido enquanto Alphonsus de Guimaraens ainda se formava intelectualmente, mas é provável que os dois mantivessem contato apesar das divergências estéticas e de idade. Esse contato pode ter se iniciado ainda nos anos de 1892-1893, ter se mantido por meio da convivência com a família Guimarães e retomado com o retorno de Alphonsus em 1894, até o ano de 1897. Deve-se também levar em conta que Alphonsus de Guimaraens esteve no Rio de Janeiro para encontrar Cruz e Sousa no ano de 1895, o que constituiu um ponto importante na sua carreira literária.

A série de vivências negativas e o influxo Simbolista, presente também a partir da convivência com Augusto de Lima, deixará uma marca definidora dos últimos rumos estéticos de Raimundo Correia. Isso pode verificar-se na antologia *Poesias*, quando Correia esteve em Portugal, em 1898. Nela figurava o poema “Plenilúnio”, inédito em livro e que veio a se tornar um marco da produção simbolista:

Plenilúnio

Além nos ares, tremulamente,
Que visão branca das nuvens sai!
Luz entre as franças, fria e silente;
Assim nos ares, tremulamente,
Balão aceso subindo vai...

Há tantos olhos nela arroubados,
No magnetismo do seu fulgor!
Lua dos tristes e enamorados,
Golfão de cismas fascinador!

Astro dos loucos, sol da demência,
Vaga, noctâmbula aparição!
Quantos, bebendo-te a refulgência,
Quantos por isso, sol da demência,
Lua dos loucos, loucos estão!

Quantos à noite, de alva sereia
O falaz canto na febre a ouvir
No argênteo fluxo da lua cheia,
Alucinados se deixam ir...

Também outrora num mar de lua,
Voguei na esteira de um louco ideal;
Exposta aos euros a fronte nua,
Dei-me ao relento, num mar de lua,
Banhos de lua que fazem mal.

Ah! Quantas vezes absorto nela,
Por horas mortas postar-me vim
Cogitabundo, triste, à janela,
Tantas vigílias passando assim!

E assim, fitando-a noites inteiras,
Seu disco argênteo n'alma imprimi;
Olhos pisados, fundas olheiras,
Passei fitando-a noites inteiras,
Fitei-a tanto, que enlouqueci!

Tantos serenos tão doentios,
Friagens tantas padeci eu;
Chuvas de raios de prata frios
A fronte em brasa me arrefeceu!

Lunárias flores, ao feral lume,
— Caçoilas de ópio, de embriaguez —
Evaporaram letal perfume...
E os lençóis d'água do feral lume
Se amortalhavam na lividez

Fúlgida névoa vem-me ofuscante
De um pesadelo de luz encher,
E a tudo em roda, desde esse instante,
Da cor da lua começo a ver.

E erguem por vias enluaradas
Minhas sandálias chispas a flux...
Há pó de estrelas pelas estradas...
E por estradas enluaradas
Eu sigo às tontas, cego de luz...

Um luar amplo me inunda, e eu ando
Em visionária luz a nadar,
Por toda a parte, louco arrastando
O largo manto do meu luar...
(CORREIA, 1980, p. 346-348)

“Plenilúnio” é dividido em quadras e quintilhas alternadas. Se considerarmos a métrica tradicional em língua portuguesa, temos um verso estável, de nove sílabas poéticas. As rimas homófonas, graves e agudas não seguem uma alternância estável. Esse número ímpar de sílabas poéticas e a alternância entre quadras e quintilhas é uma escolha bastante peculiar. Como o ouvido está em geral acostumado às quadras e aos versos decassílabos, a escolha de Raimundo Correia quer causar estranhamento. Isso altera a pungência da composição.

O cenário de “Plenilúnio” não é identificado, mas, dadas as notícias cronológicas, é viável afirmar que foi escrito e/ou concebido a partir da estadia ouro-pretana de Raimundo Correia. A chuva e a névoa ouro-pretanas que tanto incomodavam e adoeciam Raimundo aparecem no poema, que parece ser um longo percurso de entrega a um êxtase gerado pela admiração da lua. O eu lírico chega a um estado de comunhão com a lua, imprime-a na alma, ao mesmo tempo em que adoce e enlouquece, em um estado de inversão de toda a sua poética anterior, solar, diurna e sensual. A “hipnose” é tamanha que chega a abandonar um estado habitual e a seguir como andarilho nas noites de lua cheia.

Manuel Bandeira, no seu ensaio “Raimundo Correia e o Seu Sortilégio Verbal”, nos oferece informações da última fase de Raimundo em Ouro Preto e sobre a publicação de “Plenilúnio”:

Se o poeta se deu mal em São Gonçalo do Sapucaí, ainda pior se sentiu na velha capital mineira. Sua carta de 13 de outubro de 96 para Lúcio de Mendonça parece de um homem acabado, e tinha apenas 37 anos! “Que vida levo aqui, aborrecida e estúpida” Confidenciava ao amigo. “Não me pude adaptar ainda e não me adaptarei jamais ao meio em que vivo, nem ao ofício que exerço”... “Como este céu chuvoso me pesa na alma!” [...] Todavia em abril deste mesmo ano havia enviado a José Veríssimo, para a *Revista Brasileira*, as “Três Estâncias”,

reconhecida por Tristão da Cunha como de sabor simbolista, assim como o “Plenilúnio”, que deve ser do mesmo ano, pois foi publicado na *Revista Brasileira* de 1º de Outubro de 96. (BANDEIRA, 1961, pp. 26-27).

“Plenilúnio” será o último poema significativo legado por Raimundo Correia. O poeta iria produzir alguns raros versos posteriormente, mas não são tão significativos do ponto de vista estético, tanto que a crítica literária considera a publicação de *Poesias* o encerramento de sua carreira poética.

É o que nos conta, por exemplo, Alexei Bueno, poeta e crítico literário:

O último Raimundo Correia, o dos poemas que só apareceram em livro nas *Poesias*, sua síntese de obra, alcança a sua maior realização no célebre poema “Plenilúnio”, momento de inegável aproximação com o Simbolismo, e que nenhum simbolista deixaria de muito orgulhosamente assinar. Dir-se-ia, na verdade, estarmos perante uma obra do grande e incorpóreo Alphonsus de Guimaraens, o Alphonsus de Guimaraens de “Ismália”. (BUENO, 2007, p. 178)

O influxo do contato com Ouro Preto e Alphonsus foi, ao que tudo indica, decisivo para essa tomada de rumo em direção ao Simbolismo. Apesar de haver escassa notícia de contato entre os poetas, é possível mesmo que Raimundo tenha lecionado direito em algum momento para o futuro solitário de Mariana. Ainda sobre “Plenilúnio”, Lêdo Ivo, poeta e crítico literário, deixou algumas palavras que se tornariam significativas pelo seu esforço crítico de abarcar o poético:

E um poema como “Plenilúnio” que, pela qualidade de sua visão e pelo sentimento noturno que o anima, constitui uma espécie de ilha simbolista em sua obra, mostra até que ponto Raimundo Correia podia atingir, com a sua lunaridade, o plano da encantação vocabular, que faz da poesia um outro idioma – mas um idioma para comover os homens. (IVO, 1976, p. 13).

Manuel Bandeira dimensiona no seu ensaio sobre Raimundo Correia essa crítica de Ledo Ivo como um marco crítico importante, logo, perene, para quem deseje pensar sobre “Plenilúnio”.

Outro aspecto significativo é a qualidade e o sentimento único que “Plenilúnio” encerra. Um leitor experiente e eclético como Bandeira nos diz do porquê da relevância do poema, caso único na literatura universal:

Foi a propósito do “Plenilúnio” que Lêdo Ivo criou o neologismo “lunaridade” para denominar aquela encantação vocabular que faz da poesia outro idioma dentro de cada idioma. Realmente, não conheço em língua nenhuma, viva ou morta, exemplo mais cabal de lunaridade do que esse poema, que exalta até as raias da loucura o sentimento da vigília noturna. Desde a terceira estrofe atinge ele as supremas paragens da visionária demência. [...] Em “Plenilúnio” alcançou Raimundo o auge de sua lunaridade. (BANDEIRA, 1961, pp. 19-21)

O teor de lunaridade e magia verbal é tão significativo que a crítica literária sugeriu que a

relevância do poema adviria, talvez, não do contato com Alphonsus, mas do surgimento de uma sensibilidade comparável à de Rimbaud no poema “*Bateau Ivre*” ou “O Barco Ébrio”, em português. A indicação é de Tristão da Cunha.

Raimundo era um homem cosmopolita e certamente conhecia o nome e a obra de Verlaine, mas não se pode dizer o mesmo sobre o seu conhecimento de Rimbaud, famoso só mais tarde pelas mãos do próprio Verlaine e de seu ensaio sobre os poetas malditos. Diz Cunha:

[...] foi este verdadeiro parnasiano o que mais facilmente se encaminhou ao Simbolismo. [...] E assim o Simbolismo estava nele. Desta segunda maneira, como da antiga, deixou-nos alguns poemas perfeitos, dos mais famosos que tem nossa língua. Tal o das “Tres Estâncias”, ou esse fantástico “Plenilúni” tão rico de indescritível sugestão musical, à maneira do “*Bateau Ivre*”, dando-nos, às vezes, um como arrepio de insânia, mas daquela insânia que é uma visita dos deuses. (CUNHA, 1976, p. 81).

Ao que tudo indica, Tristão da Cunha se refere a uma captação da sensibilidade do período de transição entre Parnasiano e Simbolismo, transição essa também vivenciada por Rimbaud no cenário Francês. Essa transição modifica possibilidades criativas, que incorporam a magia verbal e musical.

É interessante destacar por último que a publicação das *Poesias* e o silêncio da voz Raimundo Correia após sua fase ouro-pretana se realizou em 1898, no mesmo ano da morte de Cruz e Sousa e do poeta francês Mallarmé. Era um ciclo poético e um século que se fechavam, possibilitando outro, mais interessado no mundo fraturado, industrial e bélico e em outras problemáticas, de cunho ora mais transgressor, ora mais social.

CONCLUSÃO

Nosso artigo procurou recuperar os momentos mais relevantes da trajetória de Raimundo Correia em contato ou sobre Ouro Preto e o imaginário criativo proporcionado pela cidade, destacando o momento anterior à sua chegada, o momento de sua estadia repleta de crises e contrastes, e a sua saída da cidade, não sem deixar um número significativo de criações, que atestam, cada uma a seu modo, a importância da antiga Vila Rica como ponto de encontro e transformação de poetas e vanguardas literárias, pelas sucessivas gerações e períodos históricos.

Ouro Preto representou para Raimundo Correia a inspiração de ideais republicanos, a localidade que iria pavimentar a sedimentação do seu nome na tríade parnasiana, a possibilidade do exercício da poesia de circunstância, a metamorfose de suas convicções estéticas de modo radical e a elevação da qualidade de sua criação ao patamar de magia verbal, como a crítica tem reconhecido. Essa metamorfose, aliada às vivências nem sempre alvissareiras de sua estadia em Ouro Preto, longe de prejudicar sua carreira poética, encerram-na de uma forma peculiar e intensamente valorizada pelos estudiosos e leitores.

Esse foi o não pequeno legado de Ouro Preto em sua obra poética e trajetória pessoal, assim como para a história do Parnasianismo e do Simbolismo brasileiros.

REFERÊNCIAS:

BANDEIRA, Manuel. Raimundo Correia e o Seu Sortilégio Verbal. In: CORREIA, Raimundo. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar. 1961. p. 13-32.

BUENO, Alexei. *Uma História da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007.

CORREIA, Raimundo. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar. 1961.

CUNHA, Tristão da. *Julgamento Crítico de Tristão da Cunha*. In: CORREIA, Raimundo. *Poesia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1976. pp. 81-82.

FIGUEIREDO, Lucas. *O Tiradentes - Uma biografia de Joaquim José da Silva Xavier*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

IVO, Lêdo. Apresentação. In: CORREIA, Raimundo. *Poesia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1976. pp. 5-13.

SEQUEIRA, F.M. Bueno de. *Raimundo Correia - Sua Vida e Sua Obra*. São Luís: Edições AML, 2019.

SILVA, Oliveira e. *Os dois heróis*. In: Maio de 1888. Poesias Distribuídas ao povo, no Rio de Janeiro, em comemoração à Lei de 13 de Maio de 1888. Edição apresentação e notas de José Américo Miranda. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999. p. 129-130.

VAL, Waldir Ribeiro do. *Vida e Obra de Raimundo Correia*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1980.

Submissão: 09 de março de 2023

Aceite: 27 de junho de 2023